

Linhas do patrimônio arquitetônico do Rio de Janeiro: Proposta de redesign para uma bolsa porta bengala

Lines of Rio de Janeiro's architectural heritage: Redesign proposal for a walking stick bag

AUTORIA

Eliana Paula Calegari
Instituto Benjamin Constant,
Brasil
elianacalegari@ibc.gov.br
Glauce Mara Gabry de Freitas
Arder
Instituto Benjamin Constant,
Brasil
glaucemaragabry@ibc.gov.br
Décio Verdan de Castro
Instituto Benjamin Constant,
Brasil
decio.castro@aluno.ibc.gov.br

PALAVRAS-CHAVE

Redesign;
Bolsa porta bengala;
Estamparia;
Deficiência visual.

RESUMO

Neste artigo, apresenta-se o percurso criativo do redesign e da aplicação da estamparia manual de uma bolsa porta bengala desenvolvida por um estudante cego do Curso Técnico em Artesanato Integrado à Educação de Jovens e Adultos do Instituto Benjamin Constant. A partir das proposições metodológicas de projeto de produto elaboradas por Löback (2008) e Ruschival (2012), foi elaborada a sistematização metodológica para o desenvolvimento do redesign da bolsa porta bengala e do processo de estamparia manual. A execução das etapas da metodologia de projeto propostas resultou em um processo criativo acessível carregado de sentidos e significados expressados em um produto que faz parte da vida cotidiana do estudante.

KEYWORDS

Redesign;
Walking stick bag;
Press shop;
Visual impairment.

ABSTRACT

In this article, the creative path of the redesign and application of manual printing of a cane bag developed by a blind student of the Course Técnico em Artesanato Integrado à Educação de Jovens e Adultos of Instituto Benjamin Constant is presented. Based on the methodological propositions for product design prepared by Löback (2008) and Ruschival (2012), the methodological systematization was developed for the development of the redesign of the walking stick bag and the manual printing process. The execution of the proposed project methodology steps resulted in an accessible creative process full of senses and meanings expressed in a product that is part of the student's everyday life.

1. Introdução

Neste trabalho apresenta-se o processo de criação do redesign de uma bolsa porta bengala e da aplicação de estamparia manual realizado por um estudante cego do Curso em Artesanato Integrado à Educação de Jovens e Adultos do Instituto Benjamin Constant. Este trabalho compôs o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que fez parte do requisito para a obtenção do certificado de artesão serigrafista.

A escolha pelo objeto para o desenvolvimento do redesign, a bolsa porta bengala, deu-se pelo fato do estudante utilizá-la em seu cotidiano, e também pela percepção de que as bolsas conhecidas por ele podem ser melhoradas em termos de funcionalidade e estética, principalmente, para que possam ser utilizadas para acondicionar bengalas de diferentes tamanhos. Além disso, segundo o estudante projetista e usuário, é difícil encontrar este tipo de produto no comércio. Dessa maneira, buscou-se repensar o projeto de um produto que já existe e que precisa de melhorias para atender às necessidades das pessoas que o utilizam.

Neste sentido, trata-se de um produto que visa atender a um público específico a partir do qual buscou-se pensar como uma possibilidade para uma questão de necessidade especial: guardar a bengala quando não estiver sendo usada, porém, sem abrir mão da possibilidade de integrar nesse projeto a criação de uma estampa carregada de significados. Desse modo, “Criar significa poder compreender, e integrar o compreendido em novo nível de consciência. Significa poder condensar o novo entendimento em termos de linguagem. Significa introduzir novas ordenações, formas” (OSTROWER, 2013, p.271).

Neste ponto é importante comentar que as pessoas com deficiência visual fruem imagens, obviamente de forma diferente das pessoas que enxergam, mas por outros caminhos que forneçam recursos acessíveis que possibilitem à pessoa com deficiência visual o acesso às informações visuais. De acordo com Camargo (2007, p. 112), as imagens “(...) passaram a ser narrativas do mundo, estabelecendo diálogos com o mundo e não [apenas] as representações dele”. Assim, as imagens exercem um papel importante na nossa sociedade, seja como representação, fonte histórica ou na construção identitária das pessoas. Dessa maneira, é importante pensar em estratégias que diminuam os impactos das barreiras comunicacionais impostas pela ausência de informações visuais às pessoas com deficiência visual (KOEHLER; SCHÜTZ, 2020).

Ainda em relação às imagens, agora no que diz respeito ao processo de produção, apropriação, preservação, utilização, observação e interpretação da imagem, a professora Maria Ciavatta diz que este processo é “permeado por elementos ideológicos da concepção da realidade e da visão de mundo de cada um dos sujeitos envolvidos” (CIAVATTA, 2012, p. 36). Desse modo, as imagens carregam consigo histórias, concepções e interesses que extrapolam o caráter alegórico nos veículos que comunicam. Para Ciavatta, “a imagem é sempre parte do pensamento, da linguagem, da cultura e da história vivenciada e expressa por cada um deles, salva nos vestígios de algum tempo e lugar” (CIAVATTA, 2012, p. 36). Neste sentido, o não acesso às imagens compromete o protagonismo social das pessoas com deficiência visual e implica a alienação em relação a acontecimentos, as influências estéticas, ao consumo, as estratégias de marketing, ao lazer e outros.

Em relação à inspiração para a criação da estampa para a bolsa porta bengala partiu-se das referências da serralheria artística. A escolha pela serralheria artística deu-se pelo fato de que foi a profissão do estudante por bastante tempo em sua vida. Assim, neste trabalho o estudante buscou resgatar as suas memórias da época em que criava ornamentos em ferro de grades para portões e janelas para residências da cidade do Rio de Janeiro, para a criação de desenhos que compõem estampas. De acordo com Moraes e Pereira (2017):

A serralheria teve um papel destacado dentro do artesanato artístico. Os ferreiros constituíram uma importante categoria profissional na Europa a partir da Idade Média. Não é por acaso que Smith (ferreiro) é um sobrenome muito popular na língua inglesa. Pelo estilo e características do trabalho, os antigos serralheiros artísticos podiam ser reconhecidos e depois imitados (MORAES; PEREIRA, 2017, p. 3).

Neste contexto, os ornamentos conhecidos na experiência com a serralheria artística do estudante aparecem nas formas escolhidas para a criação da estampa para a bolsa porta bengala. Cabe reforçar que é um produto que faz parte do cotidiano do estudante, e que a escolha pela referência da serralheria artística não ocorreu de forma aleatória, na medida em que as formas dos ornamentos foram acessadas na memória no ato de criação. Desse modo, “a fonte da criatividade artística, assim como de qualquer experiência criativa é o próprio viver. Todos os conteúdos expressivos na arte, quer sejam de obras figurativas ou abstratas, são conteúdos essencialmente vivenciais e existenciais” (OSTROWER, 2013, p. 31).

Isto posto, o processo de desenvolvimento de uma estampa autoral surge de forma pensada e estruturada a partir dos conceitos dos elementos da linguagem visual e das imagens resgatadas da experiência com a serralheria e não uma simples ideia de aplicar uma estampa qualquer no produto. Nesse sentido, “Não podemos perder a capacidade de discernir e avaliar o que está sendo produzido em termos de arte. Tampouco cabe abrir mão de critérios de qualidade, sob pena de se esvaziar os conteúdos e a seriedade do trabalho artístico” (OSTROWER, 2013, p. 271).

Diante do exposto, na sequência é apresentada a sistematização metodológica utilizada neste trabalho. Além disso, são relatadas as etapas de desenvolvimento do redesign e do processo criativo de elaboração da estampa da bolsa porta bengala realizada pelo estudante e usuário deste produto.

2. Metodologia

O design de produto em si envolve diversos processos e métodos para aprimorar os projetos. Desta forma, para este projeto foi elaborada uma metodologia própria com base na proposta de Löback (2008) e de um modelo sistemático para o redesign de produtos idealizado por Ruschival (2012). Löbach (2008) divide o processo de desenvolvimento de produto em quatro grandes fases: fase de preparação, geração, avaliação e fase da realização. Estas por sua vez, se subdividem em: análise do problema, alternativa do produto, avaliação das alternativas do problema, e realização da solução do problema, para cada uma destas fases o autor propõe uma série de atividades.

Em sua tese de doutorado Ruschival (2012) apresenta uma proposta de modelo sistemático de redesign para adaptação de produtos à remanufatura. O processo de redesign de um produto consiste na criação de melhorias de um sistema físico para atender às necessidades dos usuários, cujas mudanças no projeto original devem satisfazer e preservar os requisitos funcionais, estéticos e simbólicos, e gerar alternativas que melhor atendam às necessidades dos usuários (HASHIM, JUSTER & PENNINGTON, 1993). Assim, o redesign de um produto torna-se necessário quando ele precisa ser melhorado por questões de

atualização para se adequar às novas necessidades do mercado ou para prolongar o seu ciclo de vida (DUFOUR, 1996).

Neste contexto, depois de identificar a necessidade de redesenho do produto, o primeiro passo antes de iniciar o processo de redesign é resgatar e analisar as informações existentes relacionadas ao design original do produto. Concluindo-se portanto, que o desenvolvimento do redesign é iniciado a partir do conhecimento do projeto do produto original (RUSCHIVAL, 2012).

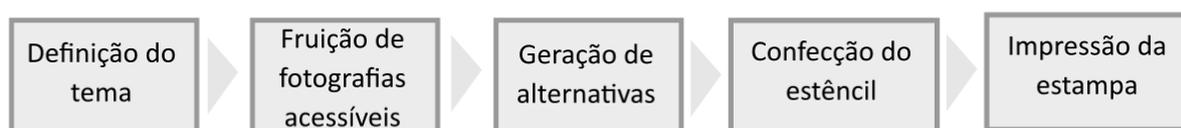
A partir das proposições metodológicas de projeto de produto proposta por Löback (2008) e do processo de redesign elaborado por Ruschival (2012), foi feita a sistematização da metodologia para o redesign da bolsa porta bengala e da aplicação da estamparia manual, definida em fases e desdobradas em atividades, conforme pode ser observada na Figura 1.

Figura 1. Sistematização metodológica utilizada para o redesign da bolsa porta-bengala e para a aplicação da estamparia manual.

Fase 1: Alterações na bolsa porta-bengala:



Fase 2: Aplicação da estampa na bolsa porta-bengala:



Fonte: Elaborado pelos autores.

Descrição da imagem: Esquema da metodologia utilizada para o redesign da bolsa porta-bengala. Sobre fundo branco a frase “Fase 1: Alterações na bolsa porta-bengala”, abaixo quatro retângulos cinzas separados por flechas na forma triangular cinzas, dentro dos retângulos estão descritas as seguintes etapas da fase 1 da metodologia de redesign: “Análise de similares”, “Definição de critérios”, “Confeção do protótipo” e “Teste de uso do protótipo”, abaixo a frase: “Fase 2: Aplicação da estampa na bolsa porta-bengala” seguida por cinco retângulos com as mesmas características dos anteriores, com as seguintes etapas da fase 2:

da metodologia de redesign: “Definição do tema”, “Fruição de fotografias acessíveis”, “Geração de alternativas”, “Confecção do estêncil” e “Impressão da estampa”.

A sistematização metodológica para o redesign da bolsa porta bengala foi dividida em duas fases: alterações na bolsa porta bengala e a aplicação da estampa. Na primeira fase, foram propostas alterações na bolsa porta bengala visando a melhoria no uso deste produto. Desse modo, esta fase compreendeu a realização de atividades, como: a análise de similares, em que se buscou conhecer e analisar as bolsas porta bengalas existentes, a partir disso, foram definidos os critérios que norteariam as alterações propostas, a confecção do protótipo e por fim o teste de uso. Na segunda fase, que consistiu na aplicação da estampa na bolsa porta bengala, inicialmente, foi definido o tema para a criação da estampa e na sequência foi realizada a fruição de material fotográfico acessível sobre o tema, depois, iniciou-se o processo de criação da estampa a partir do desenho realizado pelo estudante com o objetivo de gerar alternativas para o desenho da estampa, na sequência foi elaborado o estêncil para a impressão, e por fim, foi feita a impressão da estampa na bolsa porta bengala.

3. Proposta de redesign para a bolsa porta bengala

O processo de redesign da bolsa porta bengala foi iniciado com a realização das atividades relacionadas com a proposição de alterações da bolsa porta bengala. O processo de desenvolvimento de produto inicia com a pesquisa de necessidades e aspirações, a partir das quais serão desenvolvidas as ideias em forma de projetos de produtos (LÖBACH, 2008). Além disso, Munari (1998) comenta que não se deve pensar em soluções sem antes conhecer o que se pretende realizar, o que já foi feito antes de semelhante, que materiais utilizar, onde se pretende chegar e qual é a função do que se pretende projetar, ou seja, é preciso dialogar com o que já é conhecido. Dessa forma, foi realizada a análise de similares, que consiste na verificação e análise da configuração de produtos similares (PAZMINO, 2015).

3.1 Análise de similares

Para a análise de similares a partir de bolsas porta bengala que já existem foram utilizados dois modelos: um tipo pochete e outro modelo com alça. O modelo tipo pochete, conforme mostra a Figura 2, pode ser usado na cintura passando uma cinta pelas duas alças localizadas atrás da bolsa. A desvantagem desse modelo é que pode ser desconfortável quando a bengala for muito grande, pois a bolsa fica pesada e volumosa. Na Figura 2 pode-se observar a bolsa porta bengala tipo pochete e imagens demonstrando o uso da bolsa na cintura.

Figura 2. Modelo tipo pochete da bolsa porta bengala.



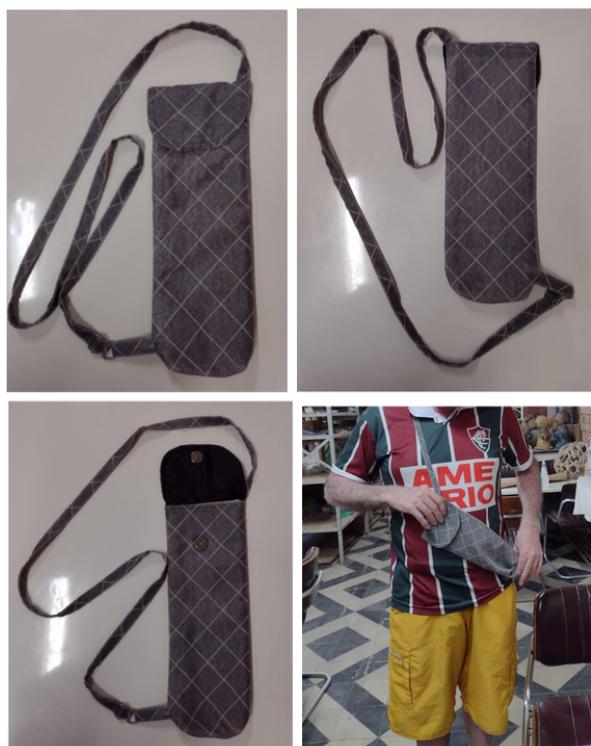
Fonte: Elaborado pelos autores.

Descrição das imagens: Três imagens da bolsa porta bengala tipo pochete: de frente fechada, de frente aberta e de trás fechada, e duas imagens do usuário utilizando a bolsa na cintura.

O outro modelo da bolsa porta bengala analisado, com alça, foi considerado confortável pelo usuário, pois o peso da bolsa com a bengala dentro proporciona a sensação de estar

mais distribuído pelo corpo. No entanto, neste modelo não cabem bengalas guia¹ com comprimento acima de 1 metro e 30 centímetros, ocasionando o não fechamento da bolsa. Na Figura 3 há imagens da bolsa porta bengala com alça e uma imagem com a demonstração de uso.

Figura 3. Modelo com alça da bolsa porta bengala.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Descrição das imagens: Três imagens da bolsa porta bengala com alça: de frente fechada, de trás fechada, de frente aberta e uma imagem do usuário utilizando a bolsa porta bengala com alça.

¹ Bengala guia é um recurso utilizado por pessoas com deficiência visual para locomoção, por meio de técnicas de rastreamento ou de varredura (ABNT NB 16537, 2016).

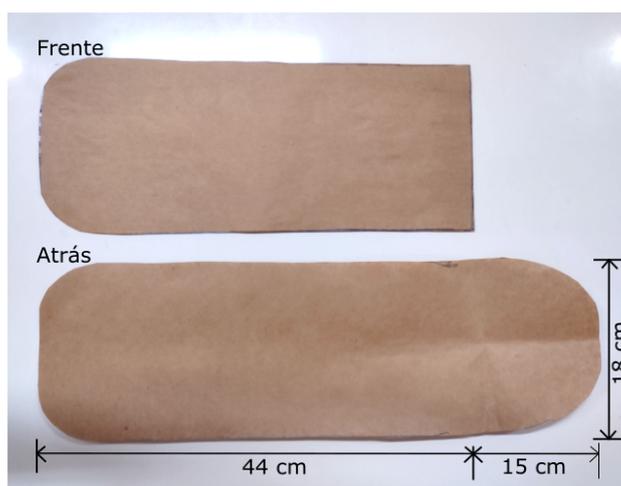
3.2 Definição de critérios para o redesign

Com base na análise de similares e de uso relatadas anteriormente foram definidos os seguintes critérios para o projeto do redesign da bolsa porta bengala: aumentar o tamanho da bolsa para que seja possível utilizá-la com diferentes tamanhos de bengalas; aumentar a largura da alça para proporcionar maior conforto; utilizar um tecido resistente para que a bolsa não seja danificada com facilidade e para que seja durável; empregar um tecido claro para receber a impressão.

3.3 Confeção do protótipo

A confecção do protótipo da bolsa porta bengala foi feita manualmente com a criação de um molde em papel. O referido molde foi confeccionado com as dimensões estabelecidas a partir do modelo de bengala guia com comprimento de 1 metro e 40 centímetros e dobrada com comprimento de 34 centímetros. Com base nestas dimensões, o molde em papel da bolsa porta bengala foi feito nas seguintes dimensões: 59 centímetros de largura, sendo que 44 centímetros são da parte da frente da bolsa e 15 centímetros da aba para fechar a bolsa e 18 centímetros de altura, como mostra a Figura 4.

Figura 4. Molde em papel da bolsa porta bengala.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Descrição da imagem: Molde em papel da bolsa porta bengala em duas partes: frente e costas da bolsa com aba semicircular.

Depois de confeccionado o molde em papel, foi feito o recorte no tecido tipo lona na cor branca da parte frontal e de trás da bolsa porta bengala, como mostra a Figura 5. Na sequência, o tecido foi costurado manualmente, e assim, o protótipo da bolsa porta bengala tomou forma.

Figura 5. Partes em tecido da bolsa porta bengala e bolsa montada e costurada.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Descrição da imagem: Sobre fundo branco, na primeira imagem há partes da frente e de trás da bolsa porta bengala cortadas no tecido branco com formato retangular, e três imagens da bolsa porta bengala costurada com formato retangular, aba semicircular e alça.

3.3 Teste de uso do protótipo

Na simulação de uso do protótipo da bolsa porta bengala a bengala guia de 1 metro e 40 centímetros de comprimento e 34 centímetros dobrada coube por completo e pôde ser colocada com facilidade dentro da bolsa (Figura 6). A alça mais larga proporciona maior conforto, pois com o uso prolongado não machucou o ombro. Como sugestão para próximas melhorias, sugere-se que a alça seja regulável para que sirva para o maior número de pessoas possível.

Figura 6. Simulação de uso do protótipo da bolsa porta bengala.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Descrição da imagem: Duas imagens da simulação de uso do protótipo da bolsa porta bengala. Na primeira imagem, as mãos do estudante seguram a bolsa apoiada em uma mesa branca que contém uma bengala. Na segunda imagem, o estudante usa a bolsa porta bengala.

4. Aplicação da estampa na bolsa porta bengala

4.1 Definição do tema

O tema para a criação da estampa para a bolsa porta bengala foram os ornamentos em ferro da serralheria artística, pois foi a profissão do estudante por bastante tempo em sua vida, e neste projeto buscou-se resgatar as memórias da época em que criava os ornamentos para grades de portões e janelas para residências da cidade do Rio de Janeiro.

4.2 Fruição de material fotográfico acessível sobre o tema

O processo de criação da estampa para o protótipo da bolsa porta bengala iniciou com a exploração sensível de fotografias acessíveis de ornamentos de grades de portas, janelas e portões de residências do bairro da Urca da cidade do Rio de Janeiro. As fotografias foram acessibilizadas pelas docentes da área de artes visuais e design do Instituto Benjamin utilizando papel onde foram impressas as fotografias, barbante cru e cola, destacando em relevo os elementos que representam os ornamentos da serralheria artística. Além das fotografias acessíveis foram apresentadas ao estudante a audiodescrição² sensível delas. Na Figura 7, podem ser observadas as fotografias, as fotografias acessíveis e a fruição deste material.

² [...] um recurso de acessibilidade que amplia o entendimento das pessoas com deficiência visual em eventos culturais, gravados ou ao vivo, como: peças de teatro, programas de TV, exposições, mostras, musicais, óperas, desfiles e espetáculos de dança; eventos turísticos, desportivos, pedagógicos e científicos tais como aulas, seminários, congressos, palestras, feiras e outros, por meio de informação sonora (MOTTA, ROMEU, 2010, p. 7).

Figura 7. Imagens dos ornamentos de grades de janelas, portas e portões de residências da cidade do Rio de Janeiro.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Descrição da imagem: Fotografias de ornamentos de grades de janelas, portas, portões de residências, as mesmas fotografias com barbante colado em cima dos ornamentos e imagens do estudante tocando com as mãos as fotografias acessíveis.

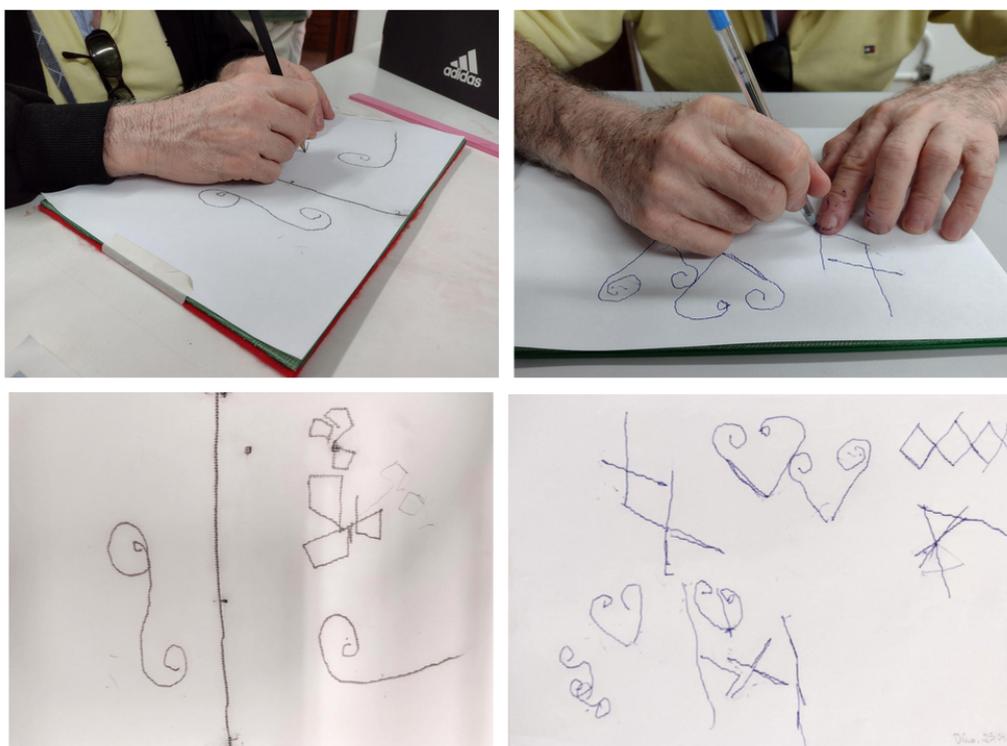
Sobre as imagens acessíveis é importante destacar que acessibilizar uma imagem não é somente aplicar texturas e relevos, mas sim contextualizar esses elementos e recursos para que a imagem acessível faça sentido para quem irá fruí-la. Neste viés, Bakhtin comenta que o sujeito leitor não é um ser passivo diante do que lê, mas sim, um sujeito que transforma, pois responde semanticamente ao que lê, seja uma canção, um poema, uma pintura, uma imagem ou um produto audiovisual. Nas palavras de Bakhtin: “[...] como sujeito e permanecendo como sujeito, não pode se tornar mudo; conseqüentemente, o conhecimento que se pode ter dele só pode ser dialógico” (BAKHTIN, 2003, p. 400). Desse modo, nesse processo de leitura pode-se inferir que há um encontro de subjetividades entre o leitor, a obra, o autor e outras vozes que podem perpassar essas subjetividades. E essa leitura pode pressupor uma diversidade de

expressões e linguagens, a partir da combinação entre som, palavra, imagem. Assim, acessibilizar uma imagem de forma contextualizada é extremamente importante para que as pessoas com deficiência visual possam fazer a leitura/fruição sensível da imagem de forma ativa e dialógica, como propõe Bakhtin (2003).

4.3 Geração de alternativas

Depois de ler/fruir as imagens acessíveis das fotografias dos ornamentos (Figura 7), teve início o processo de criação da estampa a partir do desenho criado pelo estudante, como mostra a Figura 8. No processo de criação do desenho, foi utilizada uma tela de desenho, que consiste em uma base de papel grossa forrada com tela de mosquito para que o desenho apareça em alto relevo e assim, o estudante pode percebê-lo com o tato.

Figura 8. Criação dos desenhos para a elaboração da estampa.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Descrição da imagem: Imagens das mãos do estudante desenhando em papel sulfite branco sobre a tela de desenho e dos desenhos finalizados inspirados nos ornamentos de grades de ferro com formas espirais, de coração e de losangos.

4.4 Confeção do estêncil

Para a impressão da estampa foi escolhida a técnica do estêncil³, pois é uma técnica que o estudante domina. Para a elaboração do estêncil foi escolhido um desenho que possui uma forma simples para ser reproduzido no estêncil, como mostra a Figura 9. Em um software gráfico foi digitalizado o desenho e realizada a repetição da forma no sentido vertical, levando em consideração a forma retangular da superfície da bolsa porta bengala que receberá a estampa. Com a padronagem da estampa pronta, foi impressa e utilizada como guia para a produção do estêncil no acetato, como mostra a Figura 9.

Figura 9. Elaboração do estêncil.



Fonte: Elaborado pelos autores.

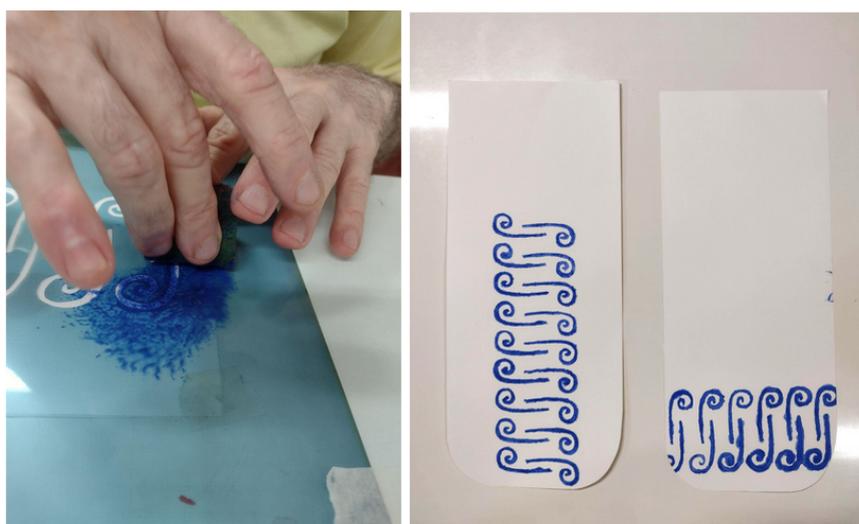
³ O estêncil é “uma espécie de matriz por permeação assim como a serigrafia, a permeação do estêncil acontece pelo papel ou acetato que fica quando se recorta e vaza uma figura para a tinta atravessar a parte vazada” (MENDONÇA, 2018, p. 56).

Descrição da Imagem: Desenho com forma espiral feito com lápis grafite sobre folha de papel sulfite branca, o mesmo desenho com contorno vermelho, repetição do desenho com contorno preto e fundo branco, e estêncil em acetado com o desenho repetido.

4.5 O processo de impressão da estampa

Foi realizada a impressão da estampa no protótipo da bolsa porta bengala utilizando o estêncil elaborado (Figura 9). Antes de realizada a impressão no protótipo foram feitos testes de impressão com o estêncil no papel com forma retangular no sentido vertical e horizontal, como mostra a Figura 10.

Figura 10. Testes de impressão.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Descrição da imagem: Imagem do estudante realizando a impressão no papel utilizando o estêncil e a impressão pronta.

Para o processo de impressão definitiva no protótipo da bolsa porta bengala foi necessário forrar a mesa com papel e inserir um pedaço de papelão firme forrado com papel toalha dentro do protótipo da bolsa para a tinta não passar para a parte de trás, como mostra a Figura 11.

Figura 11. Inserção do papelão dentro do protótipo da bolsa porta bengala.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Descrição da imagem: Duas imagens em que o estudante está inserindo o papelão dentro do protótipo da bolsa porta bengala.

Depois disso, foi posicionado o estêncil na parte frontal do protótipo da bolsa porta bengala para realizar a impressão da estampa, como mostra a Figura 12. Nesse momento, foram feitos vários estudos para testar qual seria a melhor posição do estêncil para realizar a impressão da estampa. A posição centralizada e na vertical do estêncil em relação ao protótipo da bolsa porta bengala foi a mais apropriada considerando a praticidade de posicionar o estêncil a fim de ter mais autonomia para a realização da técnica de impressão.

Figura 12. Estudo para a posição do estêncil sobre o protótipo da bolsa porta bengala.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Descrição da imagem: Sobre uma mesa forrada com papel, o estudante posiciona o estêncil sobre a parte frontal do protótipo da bolsa porta bengala.

Definida a posição do estêncil no protótipo da bolsa porta bengala foi necessário prender o estêncil com fita adesiva sobre a mesa e o protótipo para ficarem bem firmes, com o cuidado de não cobrir o desenho vazado do estêncil. Uma observação importante nessa etapa foi forrar todo o entorno do estêncil, já fixo, para não entintar onde não é necessário (Figura 13).

Figura 13. Fixação do estêncil sobre o protótipo da bolsa porta bengala e cobrimento das áreas do protótipo que ficaram expostas.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Descrição da imagem: Na primeira imagem, o estudante está fixando com fita adesiva o estêncil sobre o protótipo da bolsa porta bengala. Na segunda imagem, o estudante está forrando com papel a parte do protótipo da bolsa porta bengala que ficou exposta.

Na sequência, foi feita a entintagem com tinta para tecido na cor azul, espuma e pincel batedor. Com a ponta dos dedos o estudante localizou a parte vazada do estêncil e realizou a entintagem, sempre prestando atenção na localização dos espaços já preenchidos com tinta. Foram necessárias duas demãos de tinta para que todo o desenho do estêncil fosse coberto, como mostra a Figura 14. Entre uma demão e outra foi necessário esperar a tinta secar por volta de 5 minutos.

Figura 14. Realização da entintagem e retirada do estêncil sobre o protótipo da bolsa porta bengala.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Descrição da imagem: Na primeira imagem, o estudante está entintando o protótipo da bolsa porta bengala com tinta azul. Na segunda imagem, o estudante está retirando o estêncil sobre o protótipo da bolsa porta bengala.

Por fim, na Figura 15 apresenta-se o resultado da impressão da estampa no protótipo da bolsa porta bengala com a técnica manual de estamparia utilizando o estêncil.

Figura 15. Resultado da impressão da estampa no protótipo da bolsa porta bengala.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Descrição da imagem: Duas imagens do protótipo da bolsa porta bengala com a impressão dos ornatos na parte frontal na cor azul.

É importante comentar que a impressão resultou com o desenho duplicado, pois foi feita no protótipo da bolsa costurada e assim, o estêncil não encostou por completo sobre o tecido. Esse efeito não foi previsto inicialmente, mas fez parte da composição e criação da estampa. Portanto, o processo de elaboração da estampa partiu de referências das próprias vivências e experiências do estudante, com a recriação de desenhos de ornamentos da serralheria artística. Este processo resultou em um produto carregado de significados, que para Leão “As estampas devem estar conectadas com todo o sistema ao qual pertencem, e não apenas como motivos decorativos ou embelezamento da superfície dos tecidos” (LEÃO, 2016, p. 14).

5. Considerações finais

Este estudo compôs o TCC de um estudante do Curso Técnico em Artesanato Integrado à Educação de Jovens de Adultos na habilitação em serigrafia do Instituto Benjamin Constant. O objetivo principal foi apresentar o percurso criativo do estudante e usuário desse objeto no

redesign e na criação de estampa para uma bolsa porta bengala, a partir do resgate de memórias da profissão do estudante quando vidente. Essas memórias dizem respeito a sua profissão na área da serralheria artística, em que desenhava ornamentos para grades de janelas, portas, portões para residências da cidade do Rio de Janeiro.

Dessa forma, este projeto permitiu resgatar importantes memórias afetivas da vida do estudante. Assim, o processo criativo está carregado de sentidos e significados expressados em um produto que faz parte da sua vida cotidiana, como comenta o estudante “Neste processo de criação, percebi que agora estou utilizando os desenhos dos ornamentos da serralheria artística de outra maneira, não mais nas grades em ferro, mas em desenhos para estampas.”

Para o processo de redesign foi elaborada uma metodologia a partir das propostas metodológicas de projeto de produto de Löback (2008) e do processo de redesign criado por Ruschival (2012). A sistematização metodológica foi dividida em duas fases principais, a primeira compreendeu a proposição de alterações na bolsa porta bengala, e a segunda fase consistiu na aplicação da estampa na bolsa porta bengala. Essas fases foram desdobradas em etapas que permitiram planejar com clareza as atividades para o processo criativo do projeto exposto neste trabalho.

Por fim, cabe destacar que foram utilizadas estratégias pedagógicas que buscaram tornar o processo projetual acessível e assim, permitir ao estudante a realização das atividades de forma mais autônoma possível. Assim, é importante refletir sobre a acessibilidade das estratégias pedagógicas a partir da elaboração de recursos e metodologias que possibilitem às pessoas com deficiência visual o acesso às informações visuais. Além disso, é fundamental levar em consideração a acessibilidade no planejamento de atividades pedagógicas para o processo criativo de criação de imagens.

Referências

BAKHTIN. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CAMARGO, I. A. **Domínios da Imagem**. Londrina, V. I, N. 1, p. 111-118, 2007.

DUFOUR, C. A. **Estudo do processo e das ferramentas de reprojeto de produtos industriais, como vantagem competitiva e estratégia de melhoria constante**. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

HASHIM, M.; JUSTER P.; PENNINGTON A. Generating Design Variants Based on Functional Reasoning. //: International Conference on Engineering design. **ICED '93**. The Hague, August 17-19, 1993.

KOEHLER, A. D; Schütz, G. M. Uma proposta à leitura de imagens por pessoas com deficiência visual. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, v. 16, n° 3, 2020.

LEÃO, T. C. F. **Design de Superfície e Estamparia Têxtil: Características, relações e identidades**. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais Contemporâneos), Universidade FUMEC, Belo Horizonte, 2016.

LÖBACH, B. **Design Industrial**. Rio de Janeiro: Edgard Blucher, 2000.

MENDONÇA, A. A. **Impressões: experimentações com gravura em livros de artista e fanzines**. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Visual), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Instituto Benjamin Constant*. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/ibc/pt-br>. Acesso em: 10 de ago. 2023.

MORAES, L. M.; PEREIRA, M. da Silva. *Sacadas cariocas: Varandas em ferro no Rio de Janeiro*. 2017. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/18.207/6662>. Acesso em: 10 de ago. 2022.

MUNARI, B. **Das coisas nascem coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PAZMINO, A. V. **Como se Cria: 40 Métodos Para Design de Produtos**. São Paulo: Edgard Blucher, 2015.

RUSCHIVAL, C. B. **Proposta de uma sistemática para o redesign de produtos para a remanufatura**. 2013. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

OSTROWER, F. **Acasos e criação artística**. 9.ed. São Paulo: Unicamp, 2013.

SASSAKI, R. K. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. **Revista Nacional de Reabilitação (Reação)**, São Paulo, Ano XII, mar./abr., p. 10-16, 2019.